

SERTÃO DE DENTRO
EPISÓDIO 9 – PANKARARÉ
TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

ENTREVISTA CACIQUE LELO

[Mulher de Lelo]: Esse daí é Davi (Não consegui ouvir direito).

[Geraldo]: É?

[Cacique Lelo]: Esse é Davi.

[Geraldo]: Mora aqui?

[Cacique Lelo]: Mora.

[Cacique Lelo]: Pedro Bobó lá.

[Geraldo]: Quem é o Pedro Bobó? O de couro?

[Cacique Lelo]: É.

[Geraldo]: Chapéu de couro.

[Mulher de Lelo]: (Não consegui ouvir)

[Geraldo]: Tá vendo?

[Cacique Lelo]: Esse homem aí e Manuel Eugênio foram quem me ajudou muito.

[Cacique Lelo]: É ali na Lagoa Vermelha.

[Geraldo]: Na Lagoa vermelha?

[Cacique Lelo]: Na Lagoa vermelha.

[Geraldo]: Tá ouvindo bem Beto?

[Beto]: Tô.

[Cacique Lelo]: Você viu quem tá ali? É o Cacique Judi Vavó (Foi o que eu entendi) Esse que está com (?) nas coxas.

[Mulher de Lelo]: Nesse tempo, todo mundo unido, a gente só precisava de ajuda para comer. Por que era tempo de seca, (não consegui entender) mas não come.

[Cacique Lelo]: Eu, pra mim, isso é (não entendi o resto).

[Geraldo]: As mulher limpando, não é? Os homens cortam e as mulheres limpavam.

[Cacique Lelo]: É, tiravam o garrancho. Nós trabalhamos... De fome, de sede e arriscado à morte. Dia desses, quando estava assim, tinha que ter o pessoal ao redor de espingarda na mão. Por que se ele fosse para lá, aí o pau quebrava.

[Geraldo]: Quer dizer, estavam protegidos por outros que estavam armados.

[Cacique Lelo]: É, ao redor. E eu fala para eles, o que aparecer aqui mande voltar para trás, por que se botar o pé para dentro vai ser fogo.

[Geraldo]: Olha aí. (Cacique Lelo aparece no filme)

[Cacique Lelo]: Atiraram pelas costas

[Geraldo]: Atiraram pelas costas?

[Cacique Lelo]: Foi, foi tiro nas costas.

[Mulher de Lelo]: E quando ele virou para trás ainda tentou correr. Tentou correr, caiu e aí foi morrendo. Tentou correr atrás do cara que atirou.

[Cacique Lelo]: Nem a autoridade tomou providência e ninguém sabe pra onde eles se meteram, parece que abriu o chão e se meteram ali embaixo.

[Cacique Lelo]: Até hoje eu andei naquele trilho ali. Hoje eu fui naquele trilho ali?

[Mulher de Lelo]: Esses dois tem (não entendi).

[Cacique Lelo]: Aquele no canto é o filho do (não entendi), rapazinho.

[Mulher de Lelo]: (Não consegui ouvir por conta do canto no filme)

[Cacique Lelo]: (Não consegui ouvir por conta do canto no filme)

[Geraldo]: Você estava dançando aí? Você era um dos que estava dançando?

[Cacique Lelo]: Não estava dançando não. Pra mim é mais preferido ficar aguardando e vendo.

[Geraldo]: Só quem dança aí é homem, não é?

[Cacique Lelo]: É homem. Aquela é a filha de (não entendi), não é?

[Cacique Lelo]: Deodoro Ribeiro do Nascimento.

[Mulher de Lelo]: (Não consegui ouvir)

[Geraldo]: Acabou!

[Cacique Lelo]: Isso daí tem que ser bem guardado, viu?

[Geraldo]: Ein?

[Cacique Lelo]: Tava falando que esse negócio tem que ser bem guardado.

[Geraldo]: Bem guardado, né? É de vocês, essa cópia é de vocês.

[Mulher de Lelo]: Essa dança só dança homem, Preá. Mas depois quando dança no terreiro tem uma hora que canta um Toré, por que o toando do Preá é um, pra dançar Toré com mulher é outro. Aí as vezes eles cantam uma roda para a mulher para...

[Cacique Lelo]: Para fazer a parinha (o par, talvez?).

[Mulher de Lelo]: Fazer a parinha e dançar.

[Geraldo]: Teve uma noite aqui que a senhora dançou a noite inteirinha o Toré.

[Mulher de Lelo]: Eu hoje sou deficiente, mas quando eu vou pro terreiro... As pernas não dançam não, mas o corpo dança. Fico em pé até... Outro dia fiquei até onze horas da noite. No meio da roda, só me requebrando.

[Geraldo]: A senhora dançou a noite inteira, eu me lembrou. A gente ficou aqui e dormiu na casa de farinha. Uma vez na casa de farinha e aí eu assisti o Toré a noite toda.

[Cacique Lelo]: Casa essa daqui?

[Mulher de Lelo]: Essa aqui.

[Geraldo]: Essa aqui, né?

[Cacique Lelo]: Mas isso faz muito tempo...

[Geraldo]: Tem, 84!

[Mulher de Lelo]: 84 anos? 84.

[Beto]: 22, 22 anos.

[Geraldo]: Muito tempo.

[Mulher de Lelo]: Eu dançava tudo, mas sanfona era mais pouco. Quando tinha Toré ou Samba de Coco e (não entendi), aí eu estava feita.

[Geraldo]: Mas, Lelo, e aí? A gente chegou aqui por sorte e pegamos um momento em que estavam demarcando as terras, né? Como foi juntar o pessoal para conseguir demarcar as terras? O senhor lembra desse momento? Foi muito difícil?

[Mulher de Lelo]: Não, não foi difícil não. Quando a aldeia foi reconhecida aqui em Pancararé, meu esposo estava viajando, mas finado Menezes (Acredito que seja isso). Quando ele saiu, ele cultivou a terra mas não plantou. Eu até que discuti com ele...

[Cacique Lelo]: Mas ele está falando da picada.

[Mulher de Lelo]: Mas eu estou contando o jeito do povo, que pra você é difícil. Mas rapaz, como é que você vai, deixa eu com menino no braço novinho, sem plantar a terra? É que a

gente, cacique, tem que olhar mais pro povo do que pra gente. E não ajudou não, viajou. E eu fiquei aqui e chamei dois rapazes, fomos pra roça dormida...

[Cacique Lelo]: É longe a roça...

[Mulher de Lelo]: E os rapazes plantaram, plantaram o feijão do mato. Com 22 dias ele não tinha chegado ainda...

[Cacique Lelo]: Foi quando foi reconhecido no governo.

[Mulher de Lelo]: Aí eu me aperreei, vinte e dois dias Lelo no mundo e feijão de (não entendi) e eu não tinha condições de limpar. Não tinha dinheiro, não tinha nada. Aí eu sem esperar o Gregório chegou aqui, uma hora inteira me catando, e disse: Seu Fernando está descendo.

[Cacique Lelo]: (Não entendi) ali.

[Mulher de Lelo]: Fazer o que, o homem não chega... Deve ter morrido no mato. E ele, se preocupe não, você não vai dar nada. Eu vou juntar o povo e a gente vai limpar, oxi, a roça grande e só (não entendi) oito. Até meio dia já tinham limpado as duas roças e já tinham plantado feijão. Eles se juntaram e...

[Geraldo]: Já veio com uma comunidade reunida.

[Mulher de Lelo]: Reunida.

[Cacique Lelo]: Cinquenta tarefas. Agora, falando nisso, aí é que está, se dividiam por tarefa. Eram 30 tarefas de um e 20 de outro.

[Geraldo]: Por que o senhor estava fora trabalhando pela comunidade, estava em Brasília, não é?

[Cacique Lelo]: É, em Brasília.

[Geraldo]: Aí faltou para quem fizesse e a comunidade se juntou lá e fez. E hoje está assim ainda?

[Mulher de Lelo]: Tá não.

[Cacique Lelo]: Hoje em dia não está mais não.

[Mulher de Lelo]: Antigamente era só ele, o cacique sozinho com os conselheiros. Quando tinha uma questão, não tinha delegado não tinha nada, ele mesmo resolvia. Chamava, quando ele não podia mandava os conselheiros, se os conselheiros não resolvessem ele ia e resolvia. Naquele tempo era bom demais.

[Cacique Lelo]: Tinha um conselheiro lá na Ponta D'Água, que é uma comunidade. Aí eu dizia a ele, qualquer coisa com o seu povo você resolva, agora se você não resolver aí me chama. E assim era na Serrota, aqui no poço... Então aquele conselheiro chamava os dele ao redor e resolvia aquilo. E todos eles resolviam, poucas coisas, aí só se fosse muito difícil me chamavam e eu ia resolver. E resolvia! Era caso assim até de delegacia, de juiz, e a gente resolvia por aqui. Por que até caso de casamento que fica uma coisa meio difícil. A

gente resolvia aqui. E ninguém ficava com queixa, ninguém ficava com raiva, ficava tudo numa boa. Hoje não se faz mais isso. E também entrou um monte de cacique. Hoje estão tendo seis caciques por aqui. As vezes eu digo para eles assim, eu boto isso na cabeça deles, será que Nova Glória ali, tem uma eleição, será que pode ficar dois prefeitos dentro de Nova Glória? Por que lá só vai ficar um. E será que dá pra ficar dois prefeitos numa cidadezinha ou numa cidade grande? A não ser que nem São Paulo, numa capital...

[Geraldo]: Quanto mais seis, não é?

[Cacique Lelo]: Mas dois prefeitos numa cidadezinha pequena não fica não, por que quando um quer fazer de um jeito o outro quer de outro, então é bem assim que está aqui. Então bote na cabeça isso. Até semana passada eu falei para eles aqui. Não pode, não pode funcionar não. Por que quando um quer de um jeito o outro quer do outro. Ta vendo isso aí que nós vimos nesse cd aí, nós íamos pra vida e a morte todo mundo, hoje já não vai mais. Por que um cacique ele não vai, aí se ele não vai aquele grupinho que está com ele também não vai. Aí já atrapalhou a história. É por isso que eu digo que não está unido que nem era. Antigamente era pra trabalhar, era pra tudo.

[Geraldo]: Mas aquelas terras que nós estamos vendo aí e que foram demarcadas, elas hoje pertencem...

[Mulher de Lelo]: A todos os índios, a todos.

[Geraldo]: A comunidade. É terra coletiva.

[Cacique Lelo]: É. Ela está registrada. Está homologada e está registrada.

[Geraldo]: Conseguiu já o registro.

[Cacique Lelo]: Já indenizou duzentos e poucos não-índios aqui e ainda faltam duzentos. Duzentos e três ainda faltam. Mas o dinheiro também já está aí.

[Geraldo]: Mas já está registrada. Tá cercada?

[Cacique Lelo]: A única coisa que está faltando é cercar.

[Geraldo]: Não está cercada ainda...

[Cacique Lelo]: Tá não.

[Geraldo]: Quer dizer, está aberta.

[Cacique Lelo]: Tá aberta. Tá só documentada e os marcos. Mas tá aberta.

[Geraldo]: Entendi, tem os marcos mas está documentada.

[Cacique Lelo]: Só que os animais dos povos estão pastando dentro.

[Geraldo]: Tão entrando...

[Cacique Lelo]: Pra mim é a mesma coisa que fazer uma casa dessas e não botar as portas. Tem gente até conversando na semana retrasada ali, aí tem uma pessoa que está

trabalhando aqui, índio Tuxa. Terça-feira ele vem pra cá e vem resolver os probleminhas que tem. Aí ele disse, mas isso é responsabilidade da FUNAI, vocês tem que ir na FUNAI e ela é que tem que fazer essa cerca, não é vocês. E falou que é a FUNAI que é responsável por essa cerca.

[Geraldo]: Qual é a área toda que foi demarcada, você sabe o tamanho?

[Cacique Lelo]: Não sei se são 43 mil hectares ou 42.

[Geraldo]: 43 mil hectares... É grandinha.

[Cacique Lelo]: É grande. É que a terra não é toda boa, é só que...

[Geraldo]: E está dentro do raso? Está toda dentro do Raso da Catarina?

[Cacique Lelo]: É a parte daqui até o Raso da Catarina.

[Geraldo]: Vai até o Raso mas não entra não.

[Cacique Lelo]: Entra no Raso. Por que aqui já é o raso da Catarina, mas só que o foco mesmo é lá. Dentro aqui pro Chico.

[Geraldo]: Ela chega até o Chico?

[Cacique Lelo]: Passa do Chico. Ela vai até as pedrinhas que chama de Recanto do Casco (Não sei se está certo) para lá. Ela vai e encosta na reserva ecológica da SEMA, aquela do meio ambiente. Até teve uma reunião ali esses dias de umas pessoas do Ibama. Aí parece que uma mulher que é a chefe. Aí eu estava lá e ela dizendo que quando foi fazer essa reserva do Ibama, essa área que o Ibama toma conta, era desocupado. Aí foi um governador, um negócio assim, andou por aí e disse que o terreno estava desocupado. Aí eu falei, pois então essa pessoa ele estava cego e não procurou o povo, por que é que ele não procurou, como é que ele disse que estava desocupado? Ali está muito bem ocupada. Agora que depois que o governo entrou lá foi que estragou tudo. Por que lá onde eles estavam ocupados quando vieram para cá tinha caça ao redor, e então ficou mais longe, a caça era lá. Depois que a Petrobras entrou e desmanchou tudo em estrada, aí vem gente lá de Aloguas, de Pernambuco e não sei da onde tudo de carro caçar lá. Aí foram eles que acabaram as caças. Então não estava desocupado não, ali era nosso, nós é que sobrevivíamos ali. Que ali tem Jatobá de Lampião, tem Jatobá de Lianor, tem o oco de Saturnino que sabe como é que chama? É um pé de alho muito grande com pé de umburana, aí que é um oco. Aí o finado Saturnino deu fé daquele oco, aí limpou aquele oco por dentro e quando chovia enchia d'água. Aí aquela água ali só para a pessoa beber e dar aos cachorros, passavam tempos e tempos para poder secar. Aí no tempo que a chuva era mais certa, que agora a chuva não está mais certa, que o tempo mudou. Quando eu era mais novo, mês de Outubro era difícil não chover aqui ao redor, manga de trovoada. Hoje é inverno, e aquele inverninho vem. Antigamente era manga de trovoada, com trovão. Quando não chovia aqui chovia no Chico, chovia ao redor e aí todo pau enverdecia, fluía, depois chovia em outro canto e vinha geral e completava tudo. Hoje não está mais assim. Tem muito tempo que não tem mais chuva certa. A valência do povo aí é esses negócios do governo mesmo...

[Mulher de Lelo]: Bolsa Família, aposentadoria...

[Cacique Lelo]: É essas coisas. Por que se não fosse já tinha morrido tudo de fome. Nem caça não tem mais.

[Mulher de Lelo]: Plantio, pra gente plantar e tirar feijão é difícil. Esse ano mesmo, pouca gente comeu feijão verde, tirou um pouco de feijão para plantar. Eu mesmo cheguei num quadro sabendo que eu vou plantar e dar o que não tem, por que semente igual na feira ninguém acha pra plantar. Muita gente não tirou não que a chuva é incerta, não chove.

[Geraldo]: Quer dizer que o povo na verdade está conseguindo sobreviver por causa do Bolsa Família?

[Mulher de Lelo]: É, ajuda.

[Cacique Lelo]: Ajuda e muito.

[Mulher de Lelo]: Pior quando não tinha nada. Antigamente quando eu criei meus filhos nem aposentadoria tinha, hoje em dia não, um velho está aposentado e quando um filho não tem para dar ao neto, quando ele recebe dá uma lata de olho, um quilo de açúcar... Hoje isso ajuda. É pouco mas ajuda, pior é nada. Hoje melhorou e muito. A gente trabalhava na roça, eu e meus filhos trabalhávamos na roça no cabo da enxada, quando chegava aqui de noite ia pra fonte grande pegar água. Todo mundo sobrevivia da fonte grande. A gente lavava as roupas, lavava a louça e quando era madrugada eu me levantava que era a hora que tinha água na fonte. Nós íamos pra lá encher os potes para de manhã ir pra roça de novo. Hoje está bom demais. Melhorou muito, por que hoje tem poço artesiano aqui, nós temos água encanada em casa. Melhorou. A situação era feia antigamente.

[Cacique Lelo]: Nós temos dois poços artesanais e nunca baixaram. O dali é mineral, testado em Salvador mesmo, é mineral. E a de lá daquele outro poço é cristal. Todas as águas dos dois são boas. Eu acho que água melhor do que desse poço aí não existe no mundo não. Por que dizem que essa água aí só não pode botar em nenhum bar, pra vender, por que tem que ter firma, aquele rótulo... Mas que é legítima essa água, mineral mesmo. Foi testada.

[Mulher de Lelo]: Esse poço foi cavado por que era da Schin. Mas os prefeitos daqui não se interessaram muito e foi pra Salvador. Essa fábrica que está indo pra Salvador era pra vir pra cá. Tem água a vontade para fazer irrigação, não tem é quem se interesse para fazer isso trabalhar. Mas que aqui tem poço, tem.

[Cacique Lelo]: Pois é, a área ficou assim. Tá faltando cercar e a indenização do povo é pouco, vou ver como que vai ser que o dinheiro tá aí. Por que eu estou sabendo que o dinheiro está aí. Agora se eles não quiserem receber, vão depositar em juiz.

[Geraldo]: Os que ainda estão.

[Cacique Lelo]: Os que ainda estão. É tudo pobre, aqui é tudo pobre. E principalmente ainda tem deles que são índios! Agora, só que não querem ser.

[Mulher de Lelo]: É família, não quiseram ser índios. Brigou contra a gente.

[Cacique Lelo]: O prefeito botou na cabeça deles que não vai lhe dar, aquela história... E depois o povo acreditou. Mas quando é agora eles querem entrar, mas o povo não aceita mais.

[Mulher de Lelo]: E mediram as terras, as terras estão medidas. Quando a pessoa faz levantamento a gente (não ouvi).

[Cacique Lelo]: Teve levantamento, quando viu que o dinheiro era pouco... Aí quer entrar como, fazer o cadastramento. Mas aí o povo não aceita mais. Quem mandou eles saírem? Porque que não ficara, não são índios? Porque que não é índio? Então quer dinheiro? Então vai atrás de dinheiro. Agora que nós estamos e que o dinheiro é pouco, agora quer. Nós estamos fazendo esse cadastramento. Agora, nós estamos fazendo esse levantamento.

[Geraldo]: Estão fazendo esse levantamento, de quem é índio e de quem não é índio.

[Cacique Lelo]: Aqui é a comissão, eu e dezoito pessoas.

[Geraldo]: São todos daqui? Ou tem gente de fora?

[Mulher de Lelo]: Todos daqui. Só acompanha um índio da Funai que é coordenador.

[Geraldo]: Tem um coordenador da Funai que acompanha.

[Cacique Lelo]: É tudo daqui, tudo liderança.

[Geraldo]: E vai conseguir resolver numa boa?

[Cacique Lelo]: Tá pertinho. Já tem 503 pais de famílias já pronto e tão faltando cento e poucos.

[Geraldo]: Então tá chegando perto.

[Cacique Lelo]: E você só vai ter dúvida numas cinco ou seis pessoas.

[Geraldo]: Então está resolvido.

[Cacique Lelo]: Mas com essas seis pessoas eu não sei o que a gente vai fazer não.

[Mulher de Lelo]: Sabe, depois que terminar aí vai resolver tudo na Funai. Se não der certo aí é Ministério Público, é a única solução. Não pode é parar mais.

[Geraldo]: Então a situação tá, dos tempos antigos pra cá, tá melhor.

[Cacique Lelo]: Tá, naquele tempo era um sufoco. E o pior que os não-índio daqui querem ser índio, aí arrumaram outra pessoa, um rapaz que é lá... Da onde que ele é?

[Mulher de Lelo]: Daquele lugar que é perto de Juazeiro da Bahia.

[Geraldo]: Petrolina?

[Cacique Lelo]: É, o cara veio lá de Petrolina, se aliou com os não-índios daqui, botou na cabeça dos outros que eles tem que lugar pelo direito deles que eles moram aqui no Brejo e que são índios também. Aí fizeram tipo uma associação e pegaram retratos e foram dizendo os descendentes Pancararé. Tem oitenta pais de família.

[Mulher de Lelo]: As próprias pessoas que brigaram contra a gente, derrubaram o paiol, destruíram onde a gente brincava...

[Cacique Lelo]: Agora tão querendo ser índio e está assim, com esse negócio. Mas nós não vamos aceitar não. Mas o promotor também já falou, quando eles foram lá dizer que eram índios, aí ele pegou o levantamento deles da medição, os laudos. Aí ele falou, o que eu estou sabendo é que vocês são não-índios, tá no laudo daqui que vocês mediram as terras e tem um dinheiro para vocês receberem, só. Aí voltaram para trás, o rebanho...

[Geraldo]: Entendi. Tá certo.

[Cacique Lelo]: Mas eu acho que nos está faltando só dar um cheguinho na Funai mais para eles acabarem de resolver nossos problemas. Que aí depois que resolver não dá muito trabalho ao povo lá da cidade. Que as vezes vai gente daqui com uma coisinha pequenininha ocupar promotor, ocupar delegado... As vezes com umas coisinhas pequenas, resolve aqui mesmo! Quem sabe mais do que nós que nascemos e nos criamos aqui o jeito das coisas? As vezes o que nós sabemos, o promotor sabe. Ele sabe que é coisa da justiça, do direito. Mas na realidade daqui quem sabe somos nós, não é promotor que vai saber. Que aqui nós sabemos o que é bom e o que é ruim. E dá pra resolver esse tipo de coisa.

[Mulher de Lelo]: Aqui tem uma índia, ela nunca saiu para fora, difícil até ela ir em Paulo Afonso, aqui mesmo. A aldeia você conhece por que é aldeia, não é? Mas aí o pessoal de fora é etnia, etnia... Aí ela foi para se aposentar e perguntaram a ela, qual é a sua etnia? Ela não soube responder, que não sabia que coisa era etnia. Se ela soubesse essa palavra ela respondia. Aí ela fora disse, é aldeia. Aí desaprovaram ela. Ela disse, ué, porque não perguntaram onde eu morava que eu respondia, na aldeia Pancararé. Mas sei lá o que é etnia, pra mim não tinha significado essa palavra. Acontece muita coisa. A pessoa as vezes não entende a palavra aí não responde e fica e porque não perguntou? Aí desaprovaram ela por isso. Depois ela foi dar entrada de novo e aí conseguiu. Mas a gente passou muitos apuros aqui, muitos apuros. Teve uma época, os posseiros não queriam que fizessem uma casa do índio no local e Lelo... Era só Cacique Lelo. Eu acho que quando é um cacique só tem mais força, até para lutar na Funai tem mais força. Aí Lelo reuniu a comunidade todinha, nós vamos cavar o chão, fincar os paus e tapar a casa de barro e de tápia.

[Geraldo]: E cobrir.

[Mulher de Lelo]: E cobrir e botar pó, nós vamos deixar o índio dentro da casa trancado. E assim fizeram. Ficou um número de piquetes, se os posseiros invadissem...

[Cacique Lelo]: Fomos de dia, lá pra cerquinha. E com espingarda ein.

[Mulher de Lelo]: E pior que fizeram. Era, pronto pra brigar.

[Cacique Lelo]: Aí chegamos lá e o cabra que queria a terra tinha cercado de arame. Cercou ao redor com arame. Eu disse, pega o arame com madeira e tudo e arrasta, bota lá abaixo. Aí um agarrou num pau e outro agarrou noutra e arrasta, era madeira com arame e com tudo! Foram deixar lá na beira da baixa. Aí o campo ficou limpo. Aí começamos o serviço e eu botei a rede ao redor e digo, se vier manda voltar para trás que todo mundo está trabalhando ali e não vão prestar atenção em ninguém. Vocês vão dar conta aqui, e quem entrar pra dentro mete-lhe a espingarda. Aí a cerquinha não é grande mas não apareceu ninguém. Cavei, botaram o barro, taparam a casa, cobriram a casa, botamos porta... Quando bate quatro horas a casa estava liquidada. E não apareceu ninguém, o cara ficou lá e não apareceu ninguém lá pra mexer.

[Geraldo]: Então ficou bem resolvida a situação.

[Cacique Lelo]: Resolvemos na hora.

[Mulher de Lelo]: Tava com um mês e pouco com um problema na Serrota para resolver, que nem o coordenador da Funai dava pra resolver. A mulher veio aqui para Lelo receber, só Lelo que resolve essa questão. Disse, minha amiga, com tanto Cacique nós estamos lá precisando de outro? Deixe a justiça resolver, Lelo não é mais nada, é um funcionário da Funai que tem que se aposentar.

[Cacique Lelo]: Mas eu tô com liderança, botaram pra mim a liderança sem eu saber.

[Mulher de Lelo]: Mas querem que Lelo resolva, não sai fora disso, deixa de lado que tem muita pessoa para resolver. Por que eles estão no costume de que toda coisa que tinha, resolvia Lelo. Mas tá bom.

[Cacique Lelo]: Depois que eu saí teve uma confusão nessa cerquinha mesmo. Um chefe de posto andou lá (não entendi) umas três vezes. E não resolveram não. Mas que negócio difícil é esse? Aí eu fiquei pensando, né? Não falei nada para ninguém, vou resolver essa questão sozinho. Aí lá eu já sabia que o sindicato dos trabalhadores rurais era metido pelo (não entendi). Aí eu chamei um encarregado daqui que mora aqui no poço, se chama Zé Heleno. Eu falei, o Zé, eu quero que você marque um dia da semana que entre. Você não é animador do sindicato? Um negócio assim ele era. Você não é, falou, sou. Então você vai lá e fala com o Neto de Agostinho que ele é um dos encarregados também, fala com o Dedé de Guilherme que é um dos encarregados também, um mora mais pra cá e o outro mais pra lá, fala com os dois. E aí vocês três, daqui vai só nós dois, mas aí lá da cerquinha eles podem juntar quem eles quiserem para irem e marca o dia para nós resolvermos a questão de (não entendi). Aí ele foi lá, falou com eles, marcaram o dia e me disseram o dia para ir para lá e nós fomos. Chegamos lá e tinha um rebanho de gente deles lá, agora de índio só tinha eu e esse cabra. Mas resolvemos na hora, resolvemos ligeiro. Quando eu chamei um homem, assim, que estava mais danado, eu falei, isso aqui é uma roça, vocês estão vendo. O mato não cresceu, não tá plantado que a seca está ruim, mas isso aí é uma cerca, não é? Ele falou, é. E esse negócio aqui não é o espaço de uma casa não? Ele falou, é. E eu falei, porque que essa mulher não morreu, não vendeu, não deu, e porque ela não pode cercar? Não pode fazer a casinha dela dentro? Não era dela? Era. Sim, mas ela tomou de quem? De ninguém. Pois é dela, não é não? Aí acabou a história.

[Geraldo]: Resolveu na hora não é Lelo?

[Cacique Lelo]: Foi, na mesma hora. E depois os dois não ficaram com raiva e eu falei pro outro, rapaz, isso foi um desentendimento. Você sabe que era dela, ela tá aí viva e sã, então foi um desentendimento de vocês, não pode ficar de má-carência por isso não. E não ficaram mesmo não, não ficaram de má-carência não, ficaram bons. E os caras foram lá três vezes e não resolveram. Não sei por que não resolveram. E nessas eu já fui lá três vezes. De casamento foram umas duas. Mulher com o marido.

[Geraldo]: Como é que foi de casamento, me conte uma história dessas.

[Cacique Lelo]: Isso daí quando eles se desentendiam e se largavam um pra um canto e outro pra outro eu primeiro chamava os filhos. Os filhos menores e a família toda e se juntavam nessa casinha miudinha, a calçada era larga... Chamava de vir pra cá e sentava nessa calçada assim de seis horas para sete horas da noite, chamava o povão aí pra conversar e resolver os problemas. Aí quando juntava os filhos todos, a mulher e o marido resolvia. Parece que eles tinham vergonha e só. Quando eu falar parece que o negócio vai melhorar. Foi a (não entendi), não foi Zé? Foram dois casamentos. Já tinham separado, brigado para matar uns aos outros. Um marido com uma mulher. Mas assim, juntou os dois no lugar que eles viveram até eles morrerem, agora já morreram os dois, e o lá de cima até hoje está com a mulher. Mais nada até hoje. E fora as coisinhas pequenas. Eu resolvi muita coisinha aí. Mas chamava a família, os principais e resolvia.

[Geraldo]: Quer dizer, os problemas de hoje são uns problemas com relação a terra que tem que ser conservada, que está aberta e que tem gente que está entrando, não é isso? Esse é um problema, não é?

[Cacique Lelo]: Não, ainda não está entrando não, só estão entrando os animais. Ninguém está entrando ainda não.

[Geraldo]: E não tem gente caçando aí não?

[Mulher de Lelo]: Caçando caça. Gente até de fora.

[Cacique Lelo]: Mas aí a pessoa não vê, entra por lá e lá mesmo fuge...

[Mulher de Lelo]: É que também o Ibama está tomando conta, aí agora nem está tão... O pessoal tá fazendo curso pra ir lá pro raso.

[Geraldo]: Tão fazendo curso para ir pro raso tomar conta?

[Mulher de Lelo]: Para ir pro Raso, pessoal daqui. Eu tenho um genro de uma filha minha fazendo curso também. Que ele já trabalhou no Ibama e se der certo vai de novo.

[Cacique Lelo]: Ele queria botar só os índios.

[Mulher do Lelo]: Pra não deixar o povo entrar dentro.

[Cacique Lelo]: Por que lá é ligado a nós. Aí queria botar só os índios. Mas muito índio não quis não.

[Geraldo]: Mas aqui na terra de vocês, que foi demarcada, não tem gente caçando não, né?

[Cacique Lelo]: Não, só os índios mesmo quando precisam que vão. Pra entrar que nem eles entram, com carro e ficando semanas, ninguém entra mais não.

[Geraldo]: Também se entrar vê logo, né?

[Cacique Lelo]: Vê.

[Mulher de Lelo]: Isso aí ainda tem uma coisinha por que o Ibama toma conta. O pessoal vem de carro, entra e ninguém nem vê.

[Cacique Lelo]: Agora essa nossa é por que na entrada tinha uma casa lá, chamam de fazenda mas não é fazenda, é um sítio. Aí tinha uma casa lá que um índio morava, que foi indenizado e saiu, e o povo que está lá é índio. Aí se a pessoa for de carro vai ter que passar lá. Aí ninguém passa. Eles podem passar se for lá pra outra reserva, mas eles não passam pelo caminho deles passarem não, agora com os caras dentro ali, não fica não. Agora lá no Ibama o Ibama toma providência, ninguém vai brigar pelos outro.

[Geraldo]: É isso. Você tem...

[Beto]: Tenho. Será que uma pessoa que não está acostumada com a vida na terra tem competência para tomar conta da área do Ibama. Os índios que estão aqui a mais de um século, não seriam as pessoas mais indicadas para conhecer? Por que recebe um salário, é uma profissão e estão defendendo a natureza que vocês de certa forma...

[Cacique Lelo]: Mas aí a pessoa também já sabe que o Ibama tem gente que é chefe e mexe lá. Pra mim não é o correto não. A coisa quando é pra ser certa, o que é de um é de outro, o que dá pra um dá pra outro. Mas as vezes prejudica um coitadinho que fica morrendo de fome e aqueles que compram cerveja, compram bebida e vão pro mato fazer farra, matar e fazer farra. Esses aí se eles veem eles não fazem nada. Lá não é lugar de turista ir fazer farra matando caça, e isso eu já vi lá. Carro que vem desse mundo aí com gente só pra matarem caça e comer. E bebida. Levam bebida e ficam só matando caça e assando e comendo lá dentro. E lá não é lugar de farra. Por isso que eu acho assim errado.

[Beto]: Mas e o fiscal do Ibama, ele não fica lá pra evitar isso?

[Cacique Lelo]: Mas se ele evitar ele fica marcado. Por que essa outra pessoa vai marcar ele e pode até mandar matá-lo, coitado. É esquisito. Agora se faz justiça correta mesmo, aí sim, mas a gente vê que ela tem furo pra um e pra outro.

[Beto]: Quer dizer, o próprio organismo do Ibama de Paulo Afonso tem gente que passa a mão na cabeça das pessoas quando vem um amigo e faz isso... É a questão da política, não é? Outra coisa que eu quero saber, como é que um cacique é indicado pela comunidade? Por que aqui era um e agora tem seis.

[Cacique Lelo]: Isso daí eu não sei, eu acho que a Funai tem uma culpa nisso. Eu não sei direito não mas eu entendo que a Funai tem culpa nisso. Por que o Cacique é indicado pela comunidade. Essa semana mesmo eu disse, nem todo mundo presta para ser e nem pode ser cacique. Cacique é que nem uma pessoa, vamos dizer assim, vai tocar sanfona. Aí se

aquela pessoa trouxe aquele negócio de nascimento pra ser o tocador de sanfona, ele toca. Mas se ele não trouxer aquela coisa ele fica louco mas não toca. Ele aprende a mexer, mas tocar ele não toca. Bem assim é cacique. Cacique parece que vem de raiz mesmo, naquele caminho mesmo. Agora se qualquer pessoa diz, eu quero ser cacique, não é assim. E hoje está acontecendo assim. Eu acho que devido aos projetos e esse tipo de coisa, ele não é cacique mais para trabalhar a comunidade, ele é cacique para trabalhar o bem dele. É o que eu vejo. O que eu vejo é ele sendo cacique para trabalhar o bem deles, por que é o que interessa para ele. E cacique não é para ter interesse pra ele, é para ter interesse para o povo. Aí quando eu era cacique eu fazia assim, a Funai sempre ajudou com as coisas que nem feijão, farinha... Mas eu fazia assim, eu juntava os conselheiros de Ponta D'Água, da Cerrota, Da Cerquinha, aqui do Poço... Vocês é que vão dividir. E juntava o povo todo, avisava e aí fazia a conta e dividia direitinho. Se nesse legume viesse, um bocado ou mais que viesse, sobrava um saco de feijão ou dois, aí o que é que eu dizia? Bom, já deu para todo mundo? Já. Então esse daqui é de vocês conselheiros. Por que vocês quando é para viajar vocês viajam e não estão ganhando nada, então se vocês trabalharam aqui e quebraram a cabeça aqui é de vocês. Aqui é uma nova cacique. Eu trabalho no grupo dela, junto com ela. Entrou com quanto tempo?

[Cacique Mulher]: Seis... Sete anos, vai fazer.

[Cacique Lelo]: Ih, já está velha.

[Cacique Mulher]: Tô velha, não é?

[Cacique Lelo]: Essa daí é cacique do lado que eu acompanho.

[Beto]: Mas você ainda é cacique? Você continua sendo cacique?

[Cacique Lelo]: Eu continuo acho que sendo tudo aqui. Mas aqui tem seis. Até semana passada eles quiseram nomear outro.

[Beto]: Daqui a pouco aqui vai ter mais cacique do que índio.

[Cacique Lelo]: Do que pai de família. Agora (não entendi) é muito. Por que o cacique tem que ser um pé de árvore e tem que ter a raiz ao redor. Mas assim, muito, fica fraco.

[Beto]: Divide, não é?

[Cacique Lelo]: Divide.

[Beto]: É como você fala, uma cidade não pode ser governada por dois prefeitos.

[Cacique Lelo]: É, não pode trabalhar com dois prefeitos. É a mesma coisa de uma aldeia, a mesma coisa. Agora tem que ter o cacique único e ter os conselheiros em cada comunidade. Por que o cacique não pode trabalhar só, tem que ter os conselheiros ao redor. Agora, não pensaram em mexer com a Funai para subir o arame.

[Geraldo]: Para cercar.

[Beto]: Bom aí é grande, 42 mil hectares.

[Cacique Lelo]: Mas não é não. Depois dessa televisão aí eu também pensava que era muito, mas depois que eu vi essa televisão aqui, de uns dias desses pra cá...

[Geraldo]: O que você viu?

[Cacique Lelo]: Tem cabra lá que mete a mão nos cofres públicos que dá pra cercar 50 áreas dessas.

[Beto]: Dá pra cercar o mundo, né, Lelo?

[Cacique Lelo]: Dá pra cercar o mundo.

[Cacique Mulher]: Mas ninguém quer coisa errada também, nós queremos certo.

[Cacique Lelo]: É por isso que eu achava que pro governo era caro, mas depois fui falando, nada, é caro não. (Não entendi), bota esse dinheiro pra cá para nós cercarmos nossa área. Tem dinheiro aí que cabra carrega até de caminhonete e que não dá pra carregar nem de mala. Agora pro índio eu vejo também que o interesse é pouco, viu. Por que tem muitas autoridades de lá mas poucas falam de índio, eita nação triste. Não tem sorte mesmo. E eles sabem que eles estudaram o mundo. É tudo advogado e sei lá o que. Mas será que eles não sabem que esse Brasilão de quem era não? Será que esse povo não sabe? Por que nós somos brasileiros. É mais falso do que falaram num tempo desses, é xerox de brasileiro. O tipo de gente assim é xerox de brasileiro, brasileiro somos nós da terra de quando veio o mundo. Mas nem isso eles respeitam.

[Mulher de Lelo]: É a mesma história que diz, quem descobriu o Brasil? Foi alguém chamado Pedro Alvares Cabral. Mentira, ele descobriu o índio no Brasil, ele não descobriu o Brasil. Que já existia índio.

[Cacique Lelo]: Histórias bonitas tem muitas. É que nem essa (não entendi). O senhor já trabalhou muito sobre índio? O senhor já estudou muito, o senhor?

[Geraldo]: Não, um pouco.

[Cacique Lelo]: É por que eu queria saber assim, desde de minha avó, que eu tinha ouvido da minha vó que ela morreu velha também. Cadê, tá aí não?

[Mulher de Lelo]: Não.

[Cacique Lelo]: Eu nunca vi a finada petra... O nome dela era Joana, mas como ela era morena do cabelo liso chamavam ela de pretinha. Eu nunca vi a finada preta falar problema de etnia! Nunca! Comunidade, aldeia, eu já vi. Agora, etnia? Eu nunca vi ela falar. Se tinha etnia nos tempos atrás era só se fosse para Mato Grosso e outro lado, mas aqui nessa região não. Por que se não eu tinha visto. Ela falava (não entendi) mas não falava em etnia. Nunca! Agora quando foi de um dia desses para cá até os índios, etnia. Me dá um ódio disso, é coisa inventada. E por que inventam coisa assim, por que é bonito o nome? Deve ser uma comunidade do Chico, aí dizem, uma etnia do Chico. Que tem o Chico lá no Vale da Catarina, do povo lá. Comunidade do Chico, agora não, é etnia do Chico.

[Geraldo]: Eu tenho a impressão de que na verdade esse nome, etnia, significa mais ou menos o seguinte. A etnia é Pancararé. O que é que unifica todas as comunidades, que é a

comunidade do Chico, a comunidade do Brejo, a comunidade... Então, pois é. Tem várias comunidades, mas a etnia é uma só, todo mundo é Pancararé. A etnia é a cultura, é a origem comum, é a cultura comum. Entendeu? São todos o mesmo povo, é uma etnia. O povo se identifica por que tem um etnia, é distinta da outra. Mas as comunidades são muitas, você pode ter muitas comunidades da mesma etnia. E você pode ter uma comunidade e dentro dessa comunidade ter várias etnias. Se você tiver um grupo de italianos, um grupo de espanhóis e brasileiro, você pode ter três etnias. Eu sou baiano de Poções, uma cidade no Sul da Bahia. Os italianos lá já foram tão numerosos que a ruazinha principal da cidade se chamava Rua da Itália. Então tinham várias etnias na cidade, tinha de italiano, tinha de brasileiro, tinha de negros, de afro-brasileiros, mas era uma comunidade só. Agora, aqui vocês tem muitas comunidades e uma etnia, que é o Pancararé. Que é a força de vocês. A força de vocês não está só na força da comunidade, por que quanto mais comunidade mais força até vocês tem, por que significa mais número. Mas a força maior está na etnia, por que se for organizado como uma etnia é isso que dá força. E o que é a etnia? Eu acho, que eu também não sou antropólogo não. Eu acho que a etnia não é só o problema de que todo mundo tem a mesma raça, é um problema de cultura também. Que todo mundo vive de uma maneira é pra cima. Que é uma forma de viver, uma forma de se relacionar com a natureza, com o mundo, com os outros... Entendeu? As festas em comum, acreditam na mesma coisa. Vocês tem as festas que são de vocês, o Praiá, o Toré, as crenças, o costume e a maneira de trabalhar a terra... Isso é a cultura Pancararé, isso faz uma etnia.

[Cacique Lelo]: Eu pensei que etnia era pra ter um grupo de Pancararé e outro grupo de Paulista, outro grupo não sei de que...

[Mulher de Lelo]: Nunca nos conformamos com essa palavra. Foi bom o senhor estar aqui e dar essa explicação, por que a gente falava, eu não quero essa palavra dentro de casa! Etnia não, é aldeia, não sei o que...

[Geraldo]: Não, mas não tem choque não. De etnia para aldeia não tem choque não. Você pode ter muitas aldeias e quanto mais aldeia tem, mais força você tem.

[Cacique Lelo]: Mas tem o costume, tá tirando o costume dali.

[Geraldo]: Não, mas aí é outra coisa. Aí é outro problema. Você tem que, nessa etnia que é uma só...

[Cacique Lelo]: Então é aldeia, aldeia Pancararé...

[Geraldo]: A etnia é uma, a etnia é Pancararé. O Pancararé da aldeia do Brejo tem que ser o mesmo tipo de Pancararé da Serrinha ou do Chico. É o mesmo, não tem que ter diferença.

[Cacique Lelo]: Por isso que está aldeia Pancararé e comunidade do Chico. Comunidade do Chico e comunidade Pancararé.

[Geraldo]: Não é aldeia Pancararé, é etnia Pancararé e aldeia do Brejo. O Brejo não é cultura, o Brejo não é etnia, o Brejo é aldeia, aqui é uma aldeia. O Chico é outra aldeia, não é? Ou não?

[Cacique Lelo]: O Chico é outra comunidade.

[Geraldo]: É, mas é aldeia. Pode ser até menor.

[Cacique Lelo]: Sim, mas é uma comunidade Pancararé.

[Cacique Mulher]: Mas é Pancararé também.

[Geraldo]: Mas é Pancararé.

[Mulher de Lelo]: Mas lá nós só temos conselheiro, não tem cacique.

[Geraldo]: Mas não é aldeia.

[Cacique Lelo]: Não, é comunidade.

[Mulher de Lelo]: Aí é comunidade, a gente chama de comunidade.

[Geraldo]: Vocês estão fazendo uma diferença entre comunidade e aldeia, é isso?

[Mulher de Lelo]: Não.

[Geraldo]: Então é igual. Se é o que eu estou dizendo. Se comunidade é a mesma coisa que aldeia, o que não é igual é a etnia. A etnia é uma coisa, aldeia e comunidade é outra. Você pode ter uma etnia, e só deve ter uma que é a Pancararé.

[Cacique Mulher]: É Pancararé.

[Geraldo]: Agora, tem muitas aldeias, tem muitas comunidades. Pode ter dez comunidades, dez aldeias, tudo o que você quiser. Vinte, trinta. Podem ser dois mil hoje, trinta mil amanhã, sessenta mil depois de amanhã... Isso é crescimento, mas a etnia é uma só, é Pancararé.

[Beto]: A etnia Pancararé tem trinta mil indivíduos, segundo seu amigo.

[Geraldo]: A etnia... Não brigue com a etnia não. Por que a etnia significa...

[Cacique Mulher]: Palavra indígena.

[Geraldo]: Ser Pancararé.

[Mulher de Lelo]: Por que aqui tem pouco tempo que a gente viu essa palavra etnia.

[Geraldo]: É, tá chegando de fora.

[Cacique Lelo]: De fora, essa é a história. Essa história aí é a mesma história de caboclo! Por que é que existe caboclo? Pra desrespeitar o nome do índio. A mesma coisa essa etnia. Por que se isso fosse uma coisa justa, do começo do mundo, a finada preta sabia. Isso aí é uma coisa (não entendi).

[Geraldo]: Mas não é obrigatoriamente do mal não. Entendeu?

[Cacique Lelo]: As vezes é por que quem colocou achou bonito. E talvez lá onde ele mora, esse cara que pensou isso, ele devia botar a fazenda dele de etnia. Tá maluco o que? Se eu

não tivesse certeza disso eu não dizia, a finada preta contava muitas coisas e eu ainda era criancinha rapaz. Se tivesse essa história de etnia é claro que ela falava.

[Geraldo]: Não, mas não tinha nessa época, não tinha não.

[Cacique Lelo]: Não tinha, por que não é verdade! Que não é assim! Querem calcular e (não entendi) assim, mas eu nunca concordo com isso. Por que eu concordo nas coisas do passado, mas coisa assim pra ser bonito... Nós temos um órgão aqui que trabalha com saúde, era a Funasa, agora é Sesai. Aí muda as coisas, quando pensa que é pra mudar pra melhor, muda pra pior. Aí trocou de nome para que? A Funai do mesmo jeito. Troca de nome e os funcionários que entram são pior. É difícil esse tipo de coisa. Podia trocar quando visse que estava ruim, botar umas coisas boas, quando bota é um doente.

[Geraldo]: Olha, nem tudo que é novo é ruim. Tem muita coisa que chegou agora que é bom, tem muita coisa que chega agora que é ruim. Tem muita coisa de antigamente que é bom e tem muita coisa de antigamente também que é ruim. Antigamente tinha escravidão que era ruim. Tinham os barões, os donos da terra que tratavam o povo, os índios...

[Cacique Lelo]: Que nem animal. Pior.

[Geraldo]: Que nem animal. É ruim. Hoje não tem mais isso.

[Cacique Lelo]: Foi a melhor coisa que foi.

[Geraldo]: Então, tem muita coisa nova que é bom. Tem muita coisa antiga que é ruim também. Então esse negócio de etnia...

[Mulher de Lelo]: Só tem que pensar e não se afobar e pensar direitinho.

[Geraldo]: Então esse negócio de etnia é uma forma de que na modernidade se deu para explicar a unidade cultural do povo, entendeu? Não é contra a aldeia não, é outra forma de pensar. Eu penso assim, etnia é o Pancararé. Quer dizer, Pancararé é uma etnia. O italiano é outra etnia, etnia italiana. Os africanos, é uma etnia, os afro-brasileiros. Agora, como é que eles vivem? Eles vivem em cidade, em aldeia, em comunidade, em quilombo, entendeu? A gente acabou de sair de um quilombo negro cuja predominância é do pessoal negro, é um quilombo, chama quilombo.

[Cacique Lelo]: Aqui de Alagoas?

[Geraldo]: Tem, em toda parte tem. Os quilombos de negros. A comunidade é o quilombo. Aquilo é a comunidade, mas a etnia é afro-brasileiro. Eles são todos afro-brasileiros. A etnia daqui qual é? Pancararé. E as comunidades? São várias. Aqui é uma comunidade, aqui é uma aldeia, uma comunidade. Mas vocês não deixa de ser Pancararé e nem um morador de Serrote e deixa de ser Pancararé. Ele é Pancararé, mas ele vive na comunidade de Serrote. E você aqui.

[Beto]: Etnia é a palavra exata para exprimir aquilo que o Geraldo está falando. A palavra aldeia e comunidade ela não explica exatamente essa força cultural, essa unidade, essa maneira de ser. Isso é etnia. E já tinha nome, eu acho que na língua de vocês já tinha esse nome, só que ele se perdeu. Aí alguém veio e trouxe esse nome pra vocês.

[Cacique Mulher]: Foi isso que me explicaram, que etnia era uma palavra indígena. Não é só Pancararé, todas as etnias, por que essa palavra era indígena. E a gente não alcançou essa palavra.

[Geraldo]: Não, pode até nem ser indígena, isso não é importante. O importante é que vocês tem muitas etnias indígenas, não é? Você tem muitas etnias indígenas. Uma coisa é o indígena dos Andes, lá das montanhas da Bolívia e do Peru, outra coisa são os indígenas de Mato Grosso, são indígenas. Mas lá são os Xavantes, tem os Bororo, tem outros costumes. Não é igual o de vocês, são outros costumes. Mas eles são índios. De uma cultura Bororo. Eles são Bororo, eles são Xavantes. E aqui vocês são Pancararé.

[Cacique Lelo]: Os Bororo são Xavantes?

[Geraldo]: Não, Xavante é um e o Bororo é outro. São vizinhos.

[Cacique Lelo]: Lembro desse Bororo quando meu pai morreu. Cheguei em Salvador e tinha um ato público lá, Marco Terreno (Acho que é isso), esse Bororo e mais outro. Vieram de Brasília fazer um ato público por que a Funai não queria aceitar eles estudarem mais. Chegou um ponto que não era mais para eles estudarem, aí eles vieram fazer um ato público em Salvador. E Rosária estava no meio disso.

[Geraldo]: Maria do Rosário...

[Cacique Lelo]: Dando força a isso.

[Geraldo]: Foi ela que me deu a carta quando eu vim aqui a primeira vez, uma carta dirigida a você. Eu te entreguei a carta.

[Cacique Lelo]: Ela arrendou aqui uns três ou quatro terrenos.

[Mulher de Lelo]: Meu sogro gostava muito dela.

[Cacique Lelo]: Mas os velhos todinhos amavam ela, por que ela dava muita força aqui.

[Geraldo]: Eu sei, eu sei.

[Cacique Lelo]: Nunca mais eu vi ela.

[Geraldo]: Ela está firme. Eu a vi tem uns dois, três, anos que eu estive com ela em Salvador.

[Mulher de Lelo]: Essa época ela era professora da Universidade Federal.

[Geraldo]: É, continua. Acho que já aposentou.

[Cacique Lelo]: É, ela deve estar aposentada.

[Geraldo]: Acho que ela já aposentou.

[Cacique Lelo]: Teve um Zé Augusto que sempre andava com ela também, um que tem um olho ruim.

[Geraldo]: É, eu sei. Conheci também.

[Cacique Mulher]: (Não ouvi)

[Mulher de Lelo]: Eu acho que o professor hoje é Fábio. Esse Fábio andou aqui a muitos anos e eu não sei dizer onde ele está. Mas ele andou aqui pegando aquelas árvores que servem para a medicina. Uns caixõesinhos, cheios de luz, colocava assim na tomada e conservavam as plantas, nunca murchavam não. Mas depois eu soube que ele era professor da Universidade.

[Geraldo]: Estudando planta.

[Mulher de Lelo]: Estudando planta medicinal.

[Beto]: Aprendendo com vocês.

[Geraldo]: Vamos embora?

[Cacique Lelo]: Tá cedo.

[Geraldo]: Lelo, foi ótimo.

[Cacique Lelo]: Deixa o sol esfriar mais.

[Geraldo]: Nada, a gente ainda tem que andar. Foi muito bom ver você de novo, ver você e a Dona Zefa. Muito bom voltar aqui, gostei muito.

[Cacique Lelo]: Volte sempre.

[Geraldo]: Te deixei aqui o cd, a fala do Manuel Eugênio...

[Cacique Lelo]: Aquele cd eu quero guardar bem guardado que ele vai ser uma história. É um registro.

[Geraldo]: Dá bem uma lida na história de Manuel Eugênio.

[Cacique Lelo]: Agora, aqui eu sei a história de Manuel Eugênio, finado Saturnino. Tenho tudo gravado aqui na cabeça e não sei, mais fácil eu esquecer uma coisa de hoje. Por que eu era pequeno, ainda não trabalhava. Eu comecei a trabalhar com sete anos na enxada. Ainda hoje se eu for lá no lugar da roça que eu comecei a trabalhar eu digo, bem aqui, eu e minha irmã. Sei o jeito da enxada e sei o jeito do cabo da enxada. Com sete anos eu comecei o trabalho da enxada, meu pai botou. Agora escola não, mas trabalhar com sete anos ele botou. E muitas coisas eu vi na casa da minha vó, que chama finada preta. Vocês vieram de lá?

[Beto]: Foi.

[Cacique Lelo]: Pois é, lá na Serrota já tá um povoadinho no meio da estrada. Dali pra lá dá quase meia légua para a roça. E minha mãe trazia cesto de licuri na cabeça de lá pra cá. A casa era de tabua ali, aí os porcos chupava e botava pra secar e depois já quebrava na casa de finada preta. Muita gente ali, mulher, e cada uma com um cestão de licuri para

quebrar. Aí esse dia eu fui lá e começamos a conversar enquanto quebrava o licuri. E eu toda vida fui chegado a colo, toda a vida.

[Mulher de Lelo]: Tomou muito cafuné.

[Beto]: E tem coisa melhor que isso?

[Cacique Lelo]: Aí quando eu estava lá a finada preta sempre conversando e eu não estava dormindo, estava escutando. E o que ela falou eu não esqueci não. Eu era pequena e não esqueci não. As vezes os outros ficavam lá brincando no terreno grande, mas eu ficava ali só de curioso. Mas nunca sabia que ia chegar nesse tempo pra entrar pro meio disso, por que nesse tempo esse negócio foi levantado umas três vezes. O povo chegou de fora e era uma beleza. Aí os índios também com eles ficaram bons. Nesse tempo que eu estava no colo de mão, ninguém falava de índio não, nem de posseiro, era só cuidar do trabalho e pronto. Ninguém fazia nada. Agora quando eu fui nessas últimas vezes, que eles não queriam que tirasse lenha para cozinhar, que tirasse terra para trabalhar. Daqui pro Chico não podia mexer em nada, pra cá também não podia mexer... Aí, se nós nos mudarmos daqui será que esse povo de fora vai tomar conta e nós vamos ficar sem? Aí foi quando nós começamos a procurar nossos direitos.

[Mulher de Lelo]: E o pior de tudo foi quando um posseiro invadiu a roça do índio com macaxeira, mandioca, o pessoal chama de mandioca. Mas é aqui é macaxeira, por que mandioca tem dois tipos, um embebeda e o outro não. Com macaxeira de raiz e ele procurou a justiça e contou que era tudo do lado deles. Aí ele desgostoso se despediu da família e disse assim, olha eu vou embora, se eu achar justiça eu volto para a minha aldeia. Se eu não achar justiça eu vou morrer despedaçado pelo mundo mas aqui não volto mais. Saiu daqui a pé, nesse tempo não tinha carro e era difícil dinheiro para pagar o transporte. Foi parar em Brejo dos Padres.

[Cacique Lelo]: Lá já era reconhecido.

[Mulher de Lelo]: Chegou lá e contou a história ao chefe de posto. Aí ele disse, olha, aqui é outra aldeia, mas eu vou comunicar com Brasília, vou comunicar as autoridades e vamos ver a resposta que vem. Em poucos dias o chefe de posto voltou com ele. Aí os índios se reuniram todos e foram lá pra roça. Chegando lá mostraram. Aí o homem mandou os índios arrancarem a cerca e tirar o pedaço que era dele e botar na roça dele. Até hoje ninguém mexeu mais, está lá na roça do índio. O velho morreu mas ficou pro filho, pros netos... Foi o chefe de posto que resolveu. Aí ele ficou aqui até morrer, enfrentando tudo. E foi aí que a macaca empenou, por que foi aí que os índios se revoltaram e não pararam mais.

[Geraldo]: E começou a luta aí.

[Beto]: Foi o primeiro exemplo.

[Mulher de Lelo]: Começou a luta aí, foi. Por que se fosse no meio da mata bruta, uma roça plantada. Macaxeira de raiz...

[Geraldo]: E a morte de seu pai?

[Cacique Lelo]: Esse cara aí que ela está falando da roça, era Benevides. Aí depois de meu pai ser Cacique, ele mandou o prefeito vir lá de Glória, que era irmão dele, com um tal inspetor. Ele era inspetor o Benevides, era o que tomou a roça. Mandaram chamar meu pai lá na casa dele, que meu pai estava lá sozinho. Aí se juntaram três. Sabe o que eles queriam? Dar dinheiro para acabar com essa história. Naquele tempo, o dinheiro dava pra comprar um carro. Aí meu pai contou umas lorotas pra eles, voltou e não quis o dinheiro não.

[Mulher de Lelo]: O pai dele foi muito sofrido. Dançava Toré e aí quando foram dar queixa a polícia vinha buscar. Uma vez ele voltou de viagem, quando ele desceu do burro a polícia encostou e não deixou nem tirar a espora do pé. Levaram debaixo de (não entendi) para Glória. Chagava lá no outro dia soltavam e mandavam ele voltar a pé.

[Beto]: Devia ser pra intimidar.

[Mulher de Lelo]: Era só pra sofrer mesmo.

[Cacique Lelo]: E minha irmã que foi lá pra escola ali de onde esse prefeito levantou o grupo. Aí ele deu ordem pra professora que não era pra ela estudar lá não.

[Mulher de Lelo]: Escola municipal.

[Cacique Lelo]: E minha irmã ela gostava de estudar. Aí quando ela chegou lá, mandaram ela voltar para trás, que não era pra ensinar índio não. Aí ela chegou aí chorando. Aí isso foi misturando as coisas e foi aí que o pau quebrou mesmo.

[Mulher de Lelo]: Hoje essa irmã dele mora em Osasco, ela é cacique lá. Todo ano festeja o dia do índio lá.

[Geraldo]: Mas tem muito índio Pancararé lá?

[Os três juntos]: Tem.

[Cacique Lelo]: Tem mais de oitenta famílias.

[Geraldo]: Me dá um endereço? Como é que eu procuro ela lá? Vocês tem telefone, endereço?

[Mulher de Lelo]: Eu tenho o telefone de lá.

[Cacique Lelo]: Ela vem em evento. Ela sempre faz evento.

[Mulher de Lelo]: Ela faz evento, o prefeito sempre dá muito apoio a ela. No dia do índio mesmo a despesa da comida é da prefeitura.

[Beto]: Mas tudo junto, Pancararé...

[Cacique Lelo]: Mas os Pancararé vão por que sabem que tem cacique lá e no dia do índio vão pra lá.

[Mulher de Lelo]: Vão de montadeira pra lá. E é bonito o dia do índio que cada um dança um Toré.

[Cacique Lelo]: Funiô, tudo que você conhece foram pra lá no dia do índio.

[Cacique Mulher]: Lá a gente encontra Funiô, Pancararú, Cariri, todas as etnias lá tem... É lá na casa de Angola, eu já fui lá. Aí a prefeitura dá o espaço no Dia do Índio para manter as culturas. Aí a secretaria dá os alimentos e ajuda todos os índios, não só os Pancararé. Ela é responsável mas convida todos os índios e fazem a festa lá.

[Beto]: Tem muito índio lá? Juntando todas as etnias.

[Cacique Mulher]: Parece que Pancararé tem muito, mas tem de Guarulhos, vem de Itaperuna... Tem esbandaiado, mas em todo lugar que tem, tem a menina do CIMI que trabalha... Aí tem o povo do CIMI que trabalha e ainda fazem o cadastro de todos os índios.

[Geraldo]: Do CIMI? Sei conheço.

[Cacique Mulher]: Aí Alaíde, que é irmã dele, convida todo mundo e o pessoal se junta no dia do índio lá.

[Geraldo]: Como que ela chama.

[Cacique Lelo]: É Alaíde. Alaíde de que, Zefa? Eu não sei o sobrenome da irmã, aí é dose.

(Tentam lembrar o sobrenome dela)

[Cacique Mulher]: Então, aí ela convida todo mundo e todos vão no dia do índio. Aí comemora o dia do índio e a prefeitura abre um espaço no shopping de Osasco. A festa é no Centro Cultural de Angola da prefeitura de Osasco e o prefeito libera oito dias um espaço no shopping de Osasco para que ela venda os artesanatos. Aí ela fica oito dias no shopping vendendo. Fica ela, Renato, as meninas de fora... Aí tem esse espaço liberado pela secretaria e ela expõe os artesanatos dela lá. E a festa lá é boa, todo ano tem. No caso aqui nós comemoramos no dia do índio e lá depende do espaço, que é sábado ou domingo e as vezes não cai no dia. Por que depende do espaço que a prefeitura libera o centro cultural lá. E ela estava questionando, enviou até uma carta ao prefeito, pra que ele liberasse uma terra para ela fazer o centro cultural. Ela sonha muito com isso, mas até aqui ela não conseguiu ainda. Mas quem sabe um dia.

(Pegam o endereço e fim da gravação)